

# POEMA

Este grande edifício. Este aumentado hospital  
atacado em volta por uma floresta vigilante.  
Este enorme edifício que come  
uma grande parte da claridade que chega à cidade.  
Corredor pejado de palavras. lugar dos círculos onde  
a água negra dissolve as figuras  
e oralmente agarra os nomes ao Silêncio. as coisas ao segredo

Furado por elevadores potentes que transportam  
os mortos dos subterrâneos aos terraços.  
Último sítio donde uma multidão de aves esterilizadas  
os leva e dissolve na respiração do dia.  
(e enquanto na escuridão a árvore apertada ao homem até á morte)  
os grandes elevadores correm linfáticos  
o corpo escuro e denso da grande fábrica.  
descem símbolos erectos de cores iluminadas  
atravessados por um rio descontinuo.

Onde a montanha e o espírito vegetal se encontram  
o diálogo prossegue pelo céu. Seta indicadora. Vértice.  
Pathos da confluência de nomes. especificidade. herança.  
e a pancada ó Artaud.

Então o grande cipreste transporta a orelha. os sinais.  
e entrega às galhas furiosas a serpente que lhe cresce.  
E a grande fábrica torce-se.  
o tempo aumenta torrencialmente dentro dela.  
Não lhe tolera o escrúpulo de uma janela. Um dia/sala.  
A grande fábrica estrebucha.  
Os relâmpagos liquidam os muros.  
Os fumos envolvem a floresta de uma escuridão Secular.  
Um Silêncio bruto.

O vento ciclópico sopra sobre as águas  
onde a argila?  
Será preciso compreender o impossível  
gerar o verbo à escuridão ó arco-íris?

Nos olhos nascem ramos de oliveira  
e asas nos intestinos

Esta água sem peixes é límpida e conhecida  
tem uma viagem dentro.  
Seu centro é no infinito.  
Sua voz é o nascimento.